



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH III - JORNALISMO EM  
MULTIMEIOS

**ENTRE ESPELHOS E CÂMERAS, O PESO DE SER FORA DO PADRÃO**

**Kemilly de Oliveira Barbosa**


## **ENTRE ESPELHOS E CÂMERAS, O PESO DE SER FORA DO PADRÃO**

Memorial descritivo apresentado ao Colegiado de Jornalismo em Multimeios, do Departamento de Ciências Humanas, campus III, da Universidade do Estado da Bahia, para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo em Multimeios, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fabíola Moura Reis Santos.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

### ENTRE ESPELHOS E CÂMERAS, O PESO DE SER FORA DO PADRÃO

Projeto experimental apresentado à Universidade do Estado da Bahia, no Departamento de Ciências Humanas, campus III, para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo em  
Multimeios


Documento assinado digitalmente  
 **FABIOLA MOURA REIS SANTOS**  
Data: 15/08/2025 09:41:08-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fabíola Moura Reis Santos.

Orientadora

Universidade do Estado da Bahia (UNEB, campus Juazeiro)


Documento assinado digitalmente  
 **CARLA CONCEICAO DA SILVA PAIVA**  
Data: 14/08/2025 14:54:17-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Carla Conceição da Silva Paiva

Examinadora

Universidade do Estado da Bahia (UNEB, campus Juazeiro)

Documento assinado digitalmente  
 **LAYTA SENA RIBEIRO**  
Data: 14/08/2025 14:14:14-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>a</sup>. Me. Layta Sena Ribeiro

Examinadora

Faculdade de Educação Superior de Pernambuco (FACESP, campus Petrolina)

Data da aprovação: 18.07.2025

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que me deu forças e discernimento em cada passo da minha vida, sempre.

Em sequência, às duas mulheres mais importantes da minha vida: minha mãe e vovó. Mãe Sônia que sempre me incentivou a correr atrás de todos os meus sonhos. E vovó Emília que, como um farol, iluminou todo o meu caminho com sua sabedoria, além de me dar forças para conquistar meus objetivos.

Não posso esquecer do meu pai Rubens que esteve sempre ao meu lado nessa caminhada, que me deu apoio de todas as formas, me sustentou para que eu não desistisse da minha caminhada, que foi um dos meus maiores incentivadores quando dizia “a minha filha é jornalista”. É, agora eu sou a filha jornalista.

Agradeço aos professores e professoras que tive na minha jornada acadêmica, em especial à que escolhi para me orientar durante este trabalho: Fabíola Moura. Professora, todos os seus ensinamentos me conduziram ao crescimento como estudante, profissional e pessoa. Estão todos guardados com muito carinho em meu coração.

Às minhas melhores amigas, Carol Santana e Mickaely Marins, que foram o meu suporte durante a minha trajetória não só na Universidade como na vida inteira, sempre me acolheram de braços abertos todas as vezes que precisei e nunca me deixaram desistir.

Em especial a Raysa Oliveira, à minha priminha, sempre vou chamá-la assim, mesmo já sendo uma mulher. Ela viveu comigo este curso desde a lista de aprovados e, em todos os piores momentos, sempre me viu formada, e é a pessoa, neste planeta Terra, que mais acreditou na minha capacidade. Eu amo você e este diploma é para nós e por todos os planos mirabolantes que fizemos enquanto a gente brincava de boneca lá na casa de vovó.

E, por fim, e mais importante, a meu esposo Carlos Henrique que já me conheceu nessa trajetória e foi um dos meus maiores apoiadores, a pessoa que segurou a minha mão todo esse tempo, que não me deixou desistir em momento algum, que acreditou nos meus sonhos e os viveu como se fossem os seus próprios. Principalmente nessa reta final, você foi a minha base para seguir com esse trabalho.

## RESUMO

O presente memorial analítico descritivo apresenta os processos teóricos e de produção utilizados para a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso, no suporte documentário, intitulado “Entre espelhos e câmeras, o peso de ser fora do padrão”. A pesquisa parte da seguinte questão: como a pressão estética internalizada impacta a autoimagem de jornalistas mulheres gordas e influencia sua atuação e permanência diante das câmeras no telejornalismo? Adotou-se metodologia qualitativa, com entrevistas de três jornalistas, analisando a relação entre padrões estéticos, autoestima e permanência diante das câmeras. O processo culminou na elaboração de um produto que evidencia os conflitos entre autoimagem e imagem pública, além de revelar as camadas de discriminação, resistência e identidade que atravessam essas mulheres. Os relatos deixam claro que, para duas entrevistadas, recorrer à cirurgia bariátrica foi uma forma de modificar a aparência perante a necessidade de se sentir bem com a própria autoimagem. Os depoimentos também evidenciam como no ambiente do telejornalismo ainda predomina uma imagem corporal idealizada, afetando a autoestima e influenciando nas escolhas profissionais das entrevistadas.

**Palavras-chave:** telejornalismo; mulheres gordas; documentário; entrevista; autoimagem profissional

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. JUSTIFICATIVA	10
3. OBJETIVOS	11
4. REFERENCIAL TEÓRICO	12
5. METODOLOGIA	20
6. DOCUMENTÁRIO	22
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
9. APÊNDICE	35

## 1. INTRODUÇÃO

Em 18 de setembro de 1950, Assis Chateaubriand colocou a TV Tupi no ar em São Paulo. Para que o feito chegasse às pessoas, foram instalados televisores na Praça da República, uma vez que aparelhos domésticos eram raríssimos naquela época. Na chegada da primeira emissora do Brasil, os profissionais que ali trabalhavam eram todos egressos da rádio.

Na biografia *Chatô, o Rei do Brasil*, Fernando Moraes relata:

Convidado para ser o diretor-técnico do projeto, Mário Alderighi chamou Jorge Edo para ser seu assistente, ambos eram técnicos especializados na montagem de transmissores de rádio. [...] Para diretor artístico, Chateaubriand chamou o baiano Dermival Costa Lima, que ocupava cargo idêntico nas rádios Tupi e Difusora de São Paulo (Moraes, 1994, p. 497).

Os profissionais que assumiram a responsabilidade de colocar a televisão no ar todos os dias tinham pouca experiência e buscavam inspiração no rádio, pois não havia muitas emissoras de televisão no mundo e não existia no Brasil uma produção cinematográfica eficiente.

Com o passar dos anos e os avanços tecnológicos, a televisão assumiu o poder na vida doméstica da população. Como destaca Ramonet (1999, p.26), a televisão assumiu o poder, não apenas como a primeira mídia de lazer e de diversão, mas também, agora, como a primeira mídia em informação. Os telejornais tiveram que acompanhar de perto e estar sempre à frente para noticiar os acontecimentos da sociedade, o que exigiu das emissoras um investimento em equipamentos de última geração e a contratação de profissionais qualificados.

A TV Globo escolhia sempre um apresentador homem, de boa voz e com aparência de “galã” para manter a audiência do seu telejornal. Destacaram-se Newton Carlos, Villas-Boas Correia, Millôr Fernandes, João Saldanha e Stanislaw Ponte Preta (Rezende, 1985, p.107).

O mercado de trabalho jornalístico durante muitos anos foi um local apenas masculino. Segundo um relato de José Hamilton Ribeiro, em meados da década de 1930, no Brasil,

As empresas jornalísticas eram pensadas e construídas como ambiente de sauna brega: só para homens. Nem havia banheiro feminino. No Estadão, à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica. Havia mulheres como telefonistas, mas só durante o dia. À noite, um homem é que operava. A mulher podia ser telefonista, faxineira ou servia para fazer o café: circulava na área de serviço (Ribeiro, 1998, p. 31).

A mulher no jornalismo era vista como mão-de-obra barata, seu talento não era

reconhecido. A partir das lutas femininas e com a conquista do direito de votar, de frequentar universidades e de trabalhar, a mulher começou a ser incluída na imprensa. Alexandrino (2011) afirma que elas transformaram as redações em uma forma de divulgar as suas conquistas e fugir do estereótipo de dona de casa e mãe. Porém, no início, as mulheres apenas faziam parte das coberturas de assuntos como educação, filhos e família.

Em um país como o Brasil, no qual as mulheres ainda lutam por igualdade de gênero, o telejornal exerce um papel muito importante. De acordo com a feminista e articuladora política, fundadora do *The Ms. Foundation for Women*, Marie C. Wilson (2000), as mulheres se inspiram no que veem, então é necessário ter mais mulheres na liderança de programas de TV, mesmo quando elas são desencorajadas a buscar posições ambiciosas.

Para Eugênio Bucci (2000) os apresentadores são como atores ou “astros” e aqueles que estão em frente às câmeras diariamente são os que criam um vínculo com a população. Esse vínculo estabelece uma espécie de contrato com o público, no qual os espectadores firmam uma sensação de proximidade com os apresentadores. Até mesmo um novo corte de cabelo é elogiado ou criticado. Para conquistar credibilidade e garantir a fidelidade do público, elementos como tom de voz, postura, expressão facial e até mesmo o figurino colaboram para a contratação de um jornalista na função de apresentador. A estética pode contribuir fortemente para garantir a fidelidade dos espectadores e transmitir um sentimento de confiança.

Louro (2004) acredita que o corpo pode ao mesmo tempo aprisionar e libertar os indivíduos. Sendo assim, é através dele que as pessoas são percebidas socialmente, que se comunicam e, muitas vezes, são classificados e julgados, funcionando como uma espécie de “cartão de visitas”. Quando não se enquadram nos padrões valorizados, especialmente o corpo magro que é tido como ideal, eles passam a ser vistos como desviantes. Na tentativa de escapar do julgamento e da exclusão, as pessoas buscam corresponder de todas as formas à expectativa da forma ideal. Quando não conseguem atingir esse padrão, instala-se um profundo sentimento de inferioridade. Essa sensação não surge apenas da diferença física em si, mas da constante comparação com um ideal inatingível e da pressão social para que se torne um passaporte de aceitação e valor. Assim, a aparência deixa de ser apenas uma forma de existência no mundo e passa a ser também um território de luta, vergonha e cobrança.

Na modernidade, o corpo deixa de ser algo apenas biológico ou natural e passa a ser um território político, social e simbólico. *Michel Foucault* analisa profundamente essa transformação e aponta que a partir do século XVIII, o corpo se tornou um objeto de controle,

regulação e normatização. *Foucault* (1979), mostra que as instituições modernas como a escola, o hospital, o exército e a prisão desempenharam papéis centrais na domesticação dos corpos, impondo regras de conduta, hábitos, posturas e rotinas moldando não só os comportamentos, mas também subjetividades. Ao contrário de formas antigas de poder, exercidas por meio da força bruta ou da soberania, o poder moderno atua de maneira difusa, moldando os corpos para que eles se tornem "úteis e dóceis". Essa docilidade corporal é um elemento essencial nas sociedades disciplinares, pois permite o controle dos indivíduos sem o uso da violência explícita.

*Foucault* também trata sobre biopolítica, que é o controle da vida e dos corpos em nível coletivo, o que significa que os governos, a mídia e algumas instituições começaram a ditar o que seria o corpo "certo" e o que é o corpo "errado". Nesse contexto, a imagem passa a ser constantemente observada e a mídia, a publicidade, as redes sociais e a própria medicina reforçam padrões. Como argumenta Sibilía (2003), vivemos em uma sociedade que estimula a exibição constante da imagem de si mesmo, fazendo com que o sujeito se torne "empresário do próprio corpo".

Autores como *Bauman* (2001) e Sibilía (2003) mostram que o corpo virou um projeto pessoal. Na sociedade atual a pessoa precisa estar sempre cuidando da aparência, tentando melhorar e se encaixar no padrão. Isso cria uma sensação constante de que nunca somos bons o bastante. A forma física se transformou em quase um produto, algo que precisa estar sempre em reforma. Assim, o sentimento de inadequação que muitos vivenciam diante dos padrões estéticos não é uma falha pessoal, mas o resultado de uma estrutura social e histórica que constrói o corpo como um campo de disputa e poder. Como alertou *Le Breton* (2001, p. 21), "não devemos nos contentar com o corpo que temos, devemos modificá-lo, torná-lo mais perfeito", ou seja, somos ensinados a acreditar que nossa estética corporal nunca é boa o suficiente, o que acaba nos afastando da aceitação de quem realmente somos.

Sendo assim, a presença de mulheres gordas no telejornalismo ainda é limitada e muitas vezes, atravessada por olhares de julgamentos carregados de estigmas. Diante desse cenário, este estudo parte do problema de pesquisa: como a pressão estética internalizada impacta a autoimagem de jornalistas mulheres gordas e influencia sua atuação e permanência diante das câmeras no telejornalismo? A investigação busca não apenas revelar os efeitos subjetivos dessa pressão, mas também analisar como ela atravessa a trajetória profissional e a identidade dessas mulheres em espaços de visibilidade midiática.

Essa pesquisa se destaca por seu caráter inédito no âmbito da Universidade do Estado

da Bahia. Apesar da existência de estudos sobre a representação feminina na mídia e a influência dos padrões estéticos na vida das mulheres, não foram identificadas investigações que relacionem a pressão estética internalizada de mulheres gordas e sua atuação no telejornalismo. Esse recorte presente neste trabalho preenche uma lacuna no repertório de pesquisas produzidas na instituição, contribuindo para ampliar o debate sobre gênero, corpo e mídia. Assim, ao unir teoria e prática por meio de um documentário, esta pesquisa não apenas ilumina questões urgentes e pouco discutidas, mas também oferece subsídios para novas investigações e intervenções que visem transformar o cenário do telejornalismo brasileiro.

## **2. JUSTIFICATIVA**

Jornalistas que estão sempre diante das câmeras são “peças” marcantes para o público. E foi no interesse de estudar a presença feminina nos telejornais no Vale do São Francisco que encontrei uma forma de me desenvolver como pesquisadora de comunicação.

Ao iniciar o curso de jornalismo, em 2018, a ideia que tinha sobre “fazer jornalismo” me parecia bastante atraente. Assim que iniciaram as disciplinas práticas, percebi algumas peculiaridades e as diversas formas de atuação jornalística. Foi quando me ocorreu o questionamento de como o corpo e as características físicas poderiam delimitar as áreas de atuação dos profissionais da informação.

A escolha por essa reflexão parte de uma experiência que atravessa a minha trajetória pessoal e acadêmica. Durante a minha formação no curso de Jornalismo, me vi, em diversos momentos, questionando se a minha imagem de mulher obesa seria permitida na televisão. As aulas da disciplina de telejornalismo, que deveriam ser apenas espaços de aprendizado e crescimento, tornaram-se para mim fonte de insegurança, desconforto e autossabotagem.

Esse contexto me levou, inclusive, a um afastamento temporário do curso. Durante esse período, decidi realizar uma cirurgia bariátrica, resultando na perda de 50 quilos. Ao me ver com um corpo moldado ao padrão que eu entendia como aceito para estar à frente das câmeras, retornei à universidade.

Diante dessa vivência, nasceu o desejo de investigar se os questionamentos que me atravessaram como, por exemplo, “será que, sendo uma mulher gorda, eu posso realmente estar em destaque na televisão?”, também são compartilhadas por outras mulheres gordas que

atuam no telejornalismo. Mais do que uma inquietação individual, essa pesquisa busca entender como a pressão estética internalizada impacta a autoimagem de jornalistas mulheres gordas e influencia a sua atuação e permanência diante das câmeras no telejornalismo?

Dessa forma, o formato documentário se adequou à necessidade de ouvir o que essas mulheres têm a dizer, compreender suas trajetórias e refletir sobre como os padrões estéticos operam de forma muitas vezes silenciosa, mas profundamente limitadora, dentro do jornalismo televisivo local. Por essas razões, abordei o tema de maneira sensível e fiel à realidade de cada personagem. Como pesquisadora de comunicação, acredito que o audiovisual permite não apenas a transmissão de informações, mas também de emoções, vivências e comportamentos que a escrita não é capaz de captar.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 Geral**

Compreender se há de fato, uma pressão estética internalizada que impacta a construção da autoimagem de jornalistas mulheres gordas e se isso afeta de alguma forma a sua atuação profissional e permanência diante das câmeras.

#### **3.2. Específicos**

- Investigar como a pressão estética é percebida e vivenciada por três jornalistas mulheres que atuam no telejornalismo do Vale do São Francisco.
- Analisar de maneira bibliográfica se a autoimagem influenciada por padrões estéticos interfere no desempenho profissional dessas jornalistas.
- Produzir um documentário que registre e dê visibilidade ao relato de jornalistas sobre a relação entre pressão estética, autoimagem e atuação profissional no telejornalismo.

#### **4. REFERENCIAL TEÓRICO**

Para entender a criação de padrões estéticos para as telejornalistas brasileiras, é preciso ter conhecimento sobre os espaços nos quais essas mulheres estão inseridas e como o telejornalismo funciona no país. Desde sua consolidação como meio de comunicação de massa, a televisão tem um papel importante na reprodução de valores sociais, culturais e estéticos. Além disso, o telejornalismo se destacou não apenas por informar, mas por ter sido fundamental na construção simbólica do que é aceitável e profissional diante do público. Na tela, a representação da imagem dos jornalistas, principalmente das mulheres, também se consolidou de forma significativa.

A postura, a performance e a aparência diante das câmeras passaram a ser exigência, reforçada por um padrão de beleza que estereotipa o gênero, a classe e o corpo. Sendo assim, é necessário analisar não apenas o jornalismo, mas também os discursos que moldam o espaço televisivo e como é definido quem pode, ou não, ocupar um lugar de visibilidade.

##### **4.1. LUZ, CÂMERA... A TELEVISÃO SE APRESENTA AO BRASIL**

Em 1940 a televisão se firmou em vários países como meio de informação e comunicação de massa. No Brasil, esta nova era chegou em 1950, trazida por Assis Chateaubriand. No início, o acesso à televisão era bastante restrito, com transmissão apenas nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Somente a partir de 1955 observou-se uma lenta expansão e foi em 1959 que a televisão começou a alcançar um público mais amplo e se consolidou como um instrumento poderoso na formação cultural e na construção da sociedade brasileira.

Sandra Reimão (1997, p.21) observa que a televisão brasileira foi moldada por influências do modelo norte-americano, especialmente os programas de entretenimento, que passaram a reproduzir padrões culturais, técnicos e econômicos dos Estados Unidos. E essa influência não ficou apenas restrita à estrutura dos programas, ela refletiu diretamente na maneira como os corpos são representados e percebidos na tela. A televisão construiu uma linguagem própria, marcada por códigos visuais e corporais que orientam como se portar diante das câmeras, principalmente no caso das mulheres.

Os corpos passaram a ser regulados por vestimentas, gestos, expressões e até cores que são considerados adequados ou não para o espaço televisivo. As cores vermelho, azul ou branco foram associadas a autoridade e sensualidade, sendo utilizadas principalmente em figurinos femininos, enquanto cores neutras e discretas são reservadas para momentos mais “institucionais”. O uso de maquiagem e penteados elaborados também reforçam esse padrão

visual. Essas escolhas não são meramente estéticas, mas expressam exigências normativas sobre o corpo, que deve ser bonito, disciplinado e expressivo na medida certa.

Um exemplo dessa vigilância em relação ao corpo é o caso da cantora Elis Regina, que foi criticada por cruzar as pernas durante uma entrevista sentada em um sofá, gesto considerado “inapropriado” na época. Outro exemplo é da jornalista Marília Gabriela nos anos 1980, que frequentemente sofria críticas por seu tom de voz firme e sua postura frontal nas entrevistas, características que, quando apresentadas por mulheres, eram interpretadas como “arrogância” ou “masculinização”. Esses episódios evidenciam como o corpo feminino é constantemente vigiado e interpretado dentro de parâmetros morais e comportamentais.

Autoras como Teresa de *Lauretis* (1994) e *Susan Bordo* (1997) ajudam a compreender esse fenômeno ao discutir como a mídia funciona como um dispositivo de construção e controle dos corpos femininos. *Bordo*, por exemplo, mostra como o corpo da mulher na cultura ocidental é continuamente disciplinado por meio de padrões estéticos e comportamentais que se tornam naturalizados. Já Teresa de *Lauretis* aponta que os meios de comunicação operam como pedagogias de gênero, ensinando e reforçando continuamente o que é ser uma mulher “aceitável” em sociedade.

Nesse contexto, a televisão, ao importar modelos estéticos e comportamentais do entretenimento norte-americano, reafirma uma lógica de padronização corporal que molda não só o conteúdo das telas, mas também os modos de existência daqueles que nelas aparecem, sobretudo das mulheres. Os brasileiros deixaram a televisão ocupar um lugar de suma importância em suas vidas. Para *Piccinin* (2008), o aparelho de TV tem um lugar central dentro dos lares, quase sempre posicionado na sala, e seu conteúdo é parte essencial do cotidiano. Ainda segundo a autora, os telejornais têm grande poder de penetração e influência, sendo considerados a principal forma de acesso às informações.

Com a influência dos modelos norte-americanos, o telejornalismo passou a padronizar a produção e a apresentação das notícias, não apenas o modo como a informação é transmitida, mas também como é percebida e consumida pelo público. *Piccinin* (2008) aponta o Jornal Nacional como um dos principais símbolos dessa padronização estética e narrativa, consolidando-se como uma referência do telejornalismo nacional. O Jornal Nacional construiu uma representação simbólica do que seria o “jornalismo ideal”, um jornalismo que transmite serenidade, sofisticação, ponderação e modéstia.

Esses valores são expressados na entonação controlada dos apresentadores, na linguagem formal e objetiva, e na sobriedade dos cenários e figurinos. Existe uma tentativa de apagar as subjetividades do corpo, criando uma figura “limpa”, controlada e quase

impessoal, por isso a imagem dos âncoras, muitas vezes vestidos com ternos escuros e discretos para transmitir uma ideia de autoridade e neutralidade, sugerindo que a notícia deve ser recebida como algo técnico e sem marcas pessoais, como se a credibilidade jornalística estivesse diretamente ligada a aparência de imparcialidade.

Essa representação é eficaz na construção de uma imagem de confiança institucional, mas também limita a diversidade de corpos no telejornalismo, impondo um modelo único de profissional da notícia. Nesse sentido, o *Jornal Nacional* não apenas informa, mas também ensina o público a reconhecer (e a esperar) um certo tipo de corpo, de voz e de conduta, como os legítimos portadores da verdade jornalística.

#### **4.2 REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA: O PAPEL DO TELEJORNALISMO NA CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES**

No telejornalismo as representações sociais não são apenas formadas, mas constantemente reforçadas e transmitidas ao público, influenciando a maneira como interpretamos a realidade. Serge Moscovici desenvolveu a Teoria das Representações Sociais, essa teoria afirma que criamos representações sociais para que o mundo se torne mais compreensível. Essas representações podem vir de dois saberes: o universo consensual, que é formado por opiniões, crenças e conhecimentos do senso comum; e o universo reificado, que é mais ligado ao saber científico e técnico.

No caso dos telejornais, o conteúdo que chega ao público geralmente passa por esse processo de tradução. As informações complexas (do universo reificado) são transformadas em linguagem simples, visual e emocional (do universo consensual), para que façam sentido para o maior número de pessoas. Isso acontece através de estratégias como a escolha de palavras, imagens, tom de voz e enquadramento das notícias. Cruz (2008) afirma que essas construções são coletivas e históricas e compartilhadas por todos nós. *Guareschi* (2003) completa dizendo que o telejornal seleciona o que deve ser visto e ouvido, e isso influencia como pensamos sobre certos temas, pessoas ou grupos. Por isso, o telejornalismo não apenas informa, mas também educa o olhar social, moldando nossas interpretações sobre a realidade.

O telejornalismo também atua de maneira fundamental na percepção sobre si e em como as pessoas percebem o mundo ao seu redor. Com a combinação de imagens, sons e narrativas, os telejornais além de informar, influenciam comportamentos, opiniões e ditam até mesmo as atitudes dos telespectadores. Como destaca Alexandre (2001), é nesse processo que se formam as visões coletivas e a autoimagem dos indivíduos, ou seja, a maneira como as

pessoas passam a se ver e a ver o outro dentro da sociedade. A mídia lida com a fabricação, reprodução e disseminação de representações sociais que fundamentam a própria compreensão que os grupos sociais têm de si mesmos e dos outros, isto é, a visão social e a autoimagem.

Segundo Barroso, Almeida e *Kulnig* (2012), no Brasil, a influência da mídia atinge o público com muita eficácia. Estudos publicados mostram que revistas, televisão, *internet* e jornais são fortes manipuladores na busca pelo “corpo perfeito”. Para *Bonasio* (2002), se o apresentador/repórter quiser ser levado a sério na televisão, precisa se vestir de maneira “apropriada” ao estilo e formato do programa. *Beauvoir* (1980) destaca a aparência física como uma das características mais valorizadas em mulheres. Para a autora, coloca-se a mulher na posição de observadora, mantendo-a sempre como espectadora.

Nesse cenário, o telejornalismo constroi e reforça padrões que moldam como a sociedade compreende diferentes grupos e identidades. Dessa forma, a presença feminina nas bancadas jornalísticas está sempre se deparando com as exigências estéticas que vão além da competência profissional. Assim, a aparência física se torna um elemento crucial na construção da imagem da mulher. As profissionais que atuam diante das câmeras enfrentam muitas vezes a pressão de determinados padrões de beleza. Nesse contexto, a televisão funciona não apenas como um meio de informação, mas também como um espelho que projeta e reforça esses ideais estéticos.

*Lipovetsky* (2000) aponta que “a beleza pode deixar conhecimento e opiniões em segundo plano, gerando preconceito e fazendo da aparência, ainda que inicialmente aliada (ao abrir portas), uma armadilha no futuro, no que diz respeito ao crescimento profissional”. Essa fala se encaixa perfeitamente no contexto televisivo, onde o critério da aparência feminina favorece oportunidades e limita o reconhecimento profissional. Por isso, discutir esses padrões é fundamental para compreender as relações que imagem e identidade formam diante das câmeras.

### **4.3 ELAS NA TELA: REPRESENTAÇÕES FEMININAS E ESTEREÓTIPOS NO JORNALISMO TELEVISIVO**

A presença da mulher na mídia tem se destacado em diferentes áreas, especialmente nos meios de comunicação. Hoje, elas ocupam um papel central nesses espaços e são frequentemente utilizadas como estratégicas na construção de narrativas midiáticas. A maneira como a mulher é representada nesses contextos influencia diretamente na formação

da sua imagem, contribuindo para a manutenção ou a desconstrução de estereótipos ao longo do tempo.

Portanto, a entrada das mulheres nas profissões de prestígio ao longo do século XX deve ser compreendida não apenas como uma conquista individual, mas como parte de um processo coletivo de transformação social, que ainda hoje exige a superação de desigualdades históricas. Ramos (2010) em seu livro *Mulheres Jornalistas – A grande invasão*, conta que ao iniciar sua carreira no jornal, em 1952, enfrentou um cenário bem diferente do que se vê hoje, encontrou um espaço limitado e cercado por preconceito.

No campo do telejornalismo, as mulheres têm conquistado cada vez mais espaço e visibilidade, tanto nas redações quanto nas telas. Esse avanço representa uma quebra histórica de barreiras, no entanto, apesar dos progressos, a desigualdade ainda persiste. As jornalistas, especialmente as que atuam em frente às câmeras, continuam sendo cobradas por sua aparência física, sendo frequentemente avaliadas não apenas por sua competência profissional, mas também por sua conformidade com padrões estéticos considerados ideais. Como apontam Lobo e Balogh (2011), mesmo com a presença crescente de mulheres nas mídias, ainda é comum que elas enfrentam expectativas relacionadas à adequação visual, o que evidencia que a igualdade de gênero no jornalismo ainda não é plena e que a aparência continua sendo um critério de avaliação e controle sobre os corpos femininos.

Essa expectativa por uma aparência associada a um corpo magro, é intensificada sobre as mulheres jornalistas que atuam diante das câmeras. Como aponta Araújo (2019), a visibilidade feminina na mídia ainda é condicionada por critérios que atravessam não apenas a competência técnica, mas também normas sociais que regulam o corpo e a aparência. Dessa forma, é preciso refletir sobre como essas pressões estéticas operam como formas de desigualdade, influenciando quem pode ser visto e ouvido nas telas.

#### **4.4 O PESO DO OLHAR: QUANDO O CORPO ADOECE A AUTOIMAGEM**

O corpo é mais do que uma estrutura biológica, é um elemento central do mundo. Assim como destaca Merleau Ponty (2006), o corpo é a presença no mundo, ou seja, é por meio dele que vivemos a realidade. Le Breton (2006) afirma que o corpo funciona como o eixo das relações sociais e culturais. Já Vigarello (2003) observa que, ao longo da história, o corpo se transforma em um objeto simbólico, capaz de revelar os valores, normas e transformações de uma determinada época ou sociedade.

O corpo no jornalismo deixa de ser algo apenas pessoal e passa a ser visto como um

assunto de interesse público. A mídia trata-o como algo que deve ser cuidado, moldado e vigiado. Essa cobrança está ligada a um processo histórico de controle social. *Foucault* (1978), em *A História da Loucura*, mostra como, desde os tempos modernos, a sociedade passou a controlar comportamentos considerados desviantes, e o corpo tornou-se alvo de normas, disciplina e vigilância.

Em outras épocas, ter um corpo gordo já foi sinal de prestígio social e riqueza (*Fischler*, 1995, pág. 25). No entanto, com a valorização do corpo magro, musculoso e disciplinado, a gordura passou a ser vista de forma negativa, transformando-se em uma desonra. Como define *Goffman* (1988, p. 7), o estigma é a condição de um indivíduo que está impedido de ser plenamente aceito pela sociedade. Quando essa diferença é percebida como negativa, a pessoa estigmatizada é vista como inferior ou "fora do padrão" dentro de um determinado grupo. *Goffman* (1988, p. 13) explica que, nesses casos, deixamos de enxergar o outro como um ser completo e passamos a vê-lo apenas pela característica que o marca, como se fosse uma pessoa defeituosa ou menor.

Para *Naomi Wolf*, os ideais de beleza feminina não são neutros e funcionam como ferramentas de controle social. Segundo a autora, essas imagens operam como arma política contra a evolução da mulher, e esses padrões estéticos impostos limitam e reforçam as inseguranças e a sua atuação. Nesse sentido, ela define o mito da beleza como

a versão moderna de um reflexo social em vigor desde a Revolução Industrial. À medida que as mulheres se liberaram da mística feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, expandindo-se enquanto a mística definhava, para assumir a tarefa de controle social (*Wolf*, 1992, p. 12-13).

*Wolf* enfatiza que as pressões estéticas não são resultados de escolhas individuais e livres, mas sim produtos de uma estrutura social. De acordo com a autora, “nenhuma mulher nasce odiando o próprio corpo, a cultura ensina a fazê-lo” (*Wolf*, 1992, p.14). Isso explica como o descontentamento com a autoimagem é cultivado de modo que a mulher internalize a sensação de inadequação e viva constantemente em um ciclo de vigilância. Trata-se de um processo que tira da mulher o foco em suas conquistas para a sua aparência.

O mito da beleza atua como um sistema econômico e político. A indústria da beleza, a publicidade e a mídia se alimentam do medo da rejeição e da pressão que as mulheres sentem, tornando a insatisfação corporal em uma condição lucrativa. Ao transformar o corpo feminino em um projeto interminável, esse sistema garante que a mulher invista tempo, dinheiro e esforço em manter-se “adequada” aos critérios socialmente impostos, em

detrimento de outras formas de realização pessoal e profissional.

Mulheres que não se enquadram nos padrões são frequentemente vistas como menos competentes, menos desejáveis e menos dignas de respeito. Como ressalta *Wolf* (1992, p. 19), “o mito da beleza diz às mulheres que elas devem gastar energia se policiando, enquanto os homens usam essa energia para moldar o mundo”. Assim, a exigência de um corpo perfeito funciona como uma barreira invisível, mas extremamente eficaz, para limitar o avanço feminino em diversas esferas, do trabalho ao espaço político.

*Simone de Beauvoir* (1970) aponta de que forma essa relação de poder entre o ser e seu próprio corpo é construída voltada para atingir a classe feminina. A autora afirma que, mesmo seguindo todos os padrões, mesmo com todos os ornamentos, maquiagens e roupas desconfortáveis, a mulher será sempre atormentada pelo fantasma do mito da beleza.

Atualmente, parece existir apenas um tipo de corpo possível - o corpo magro. Vivemos em uma época de “lipofobia”, como denominou *Fischler* (1995), e que está diretamente associada a uma “obsessão pela magreza, sua rejeição quase maníaca à obesidade” (*Fischler*, 1995, p.15). E, mais do que isso, passa a ser o que *Sant’Anna* (1995) denominou de um “corpo desumanizado”.

O termo “imagem do corpo” foi utilizado por *Paul Schilder*, em 1923, para descrever as representações que uma pessoa tem sobre seu próprio corpo. Segundo o autor, essa imagem corporal está relacionada à posição do corpo no espaço e envolve aspectos emocionais e sociais. Ou seja, a forma como o indivíduo percebe seu corpo não depende de sua estrutura física, mas também do seu emocional e da maneira como esse corpo é visto e como ele se relaciona com o mundo ao redor (*Schilder*, 1999).

O autor analisou a relação entre as sensações físicas, os movimentos corporais e a percepção que o sujeito desenvolve sobre si mesmo. Para *Schilder*, a imagem corporal é construída continuamente e essa construção envolve tanto a percepção biológica quanto a influência do meio social e das experiências vividas.

A psicanalista francesa *Françoise Dolto* (2010) afirma que a imagem do corpo é uma representação simbólica daquilo que o sujeito deseja ser, é a construção de como a pessoa se imagina ou gostaria de ser e essa percepção está ligada ao entendimento físico e racional do corpo. *Jacques Lacan* (1998) trouxe o conceito de “estádio do espelho”, que mostra o que uma criança sente ao se reconhecer pela primeira vez em uma imagem, como no espelho, quando ela passa a entender que possui uma identidade. Esse processo marca o início da construção da imagem que temos de nós mesmos. *Lacan* destaca ainda que essa percepção

está profundamente ligada ao olhar do outro: ou seja, a forma como nos vemos no mundo também depende de como somos vistos e reconhecidos pelos outros.

Por sua vez, *Donald Winnicott* (2000) destaca que a maneira que percebemos nosso corpo depende das relações que criamos com os nossos cuidadores, afirmando que se essas relações forem boas, a criança vai se sentir segura consigo mesma. A psicanálise mostra que essa imagem corporal vai muito além da aparência física: ela envolve também aspectos emocionais, simbólicos e imaginários. Ou seja, o corpo não é apenas algo que vemos, mas também algo que sentimos e significamos.

De acordo com *Medeiros e De Vilhena* (2005), a busca pela felicidade individual, entendida como a conquista de um corpo dentro dos padrões estéticos hegemônicos, torna-se condição para o reconhecimento e a inclusão social do sujeito. Dentro dessa lógica, a questão do peso corporal é tratada como um problema individual que deve ser controlado por meio de dietas restritivas, do uso de medicamentos e, em casos mais extremos, por meio de procedimentos cirúrgicos, como a cirurgia bariátrica (*Paim; Kovaleski, 2020*).

A cirurgia bariátrica, também conhecida como cirurgia de controle da obesidade, é um procedimento que visa à redução do peso por meio da limitação da capacidade gástrica. Seu principal objetivo é o controle da obesidade mórbida a longo prazo (*Pories, 2003 apud Oliveira; Linardi; Azevedo, 2004*). Porém, esse tipo de intervenção exige que o paciente passe por uma série de avaliações de ordem psicológica, para verificar se existem condições emocionais, sociais e psíquicas mínimas para enfrentar as mudanças que a cirurgia acarreta (*Flores, 2014*). Isso porque a cirurgia impacta diversas dimensões da vida do sujeito: o corpo físico passa a ser apenas uma parte da experiência, já que também são afetadas a autoestima, a identidade, os vínculos sociais, a forma como a pessoa se vê e como acredita ser vista pelos outros. Trata-se, portanto, de uma mudança profunda que exige não só preparo clínico, mas também suporte psicológico e social.

A decisão de submeter-se à cirurgia bariátrica muitas vezes envolve questões que vão além de quesitos médicos. Vários casos estão ligados fortemente a tentativas de atender aos padrões estéticos impostos pela sociedade. Conforme *Marchesini* (2010), muitos indivíduos depositam expectativas idealizadas sobre o pós-cirúrgico, acreditando que, com a perda de peso, poderão atingir um novo status social, afetivo ou profissional, o que revela o caráter simbólico e emocional do emagrecimento. Em busca de um corpo mais magro, muitas vezes motivados pela insatisfação com a própria imagem, muitas pessoas estão sendo levadas a procurar a cirurgia bariátrica, que surge como uma possível alternativa para alcançar esse

“renascimento” estético, seguindo os ideais atuais de beleza.

Hoje, a cirurgia bariátrica é considerada o tratamento mais eficaz para a obesidade grau III, também conhecida como obesidade mórbida. Esse estágio é o mais grave e ocorre quando o Índice de Massa Corporal (IMC) é igual ou superior a 40. O IMC é calculado dividindo o peso da pessoa pela altura ao quadrado. Quando se chega a esse nível, o excesso de gordura pode causar sérios problemas de saúde, além disso, a obesidade grau III costuma afetar o psicológico e a qualidade de vida desse sujeito, limitar o convívio social e suas atividades diárias. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2022), a obesidade é uma doença crônica e multifatorial, influenciada por fatores genéticos, metabólicos, comportamentais e ambientais, e precisa ser tratada com acompanhamento médico, nutricional e, em alguns casos, cirúrgico.

De acordo com Oliveira, Linardi e Azevedo (2004), pessoas obesas costumam apresentar sintomas mais intensos de depressão, ansiedade, distúrbios alimentares e até transtornos de personalidade. Apesar de ser uma opção de tratamento, a cirurgia bariátrica é um procedimento complexo, irreversível e que envolve riscos. Por isso, é essencial que o paciente esteja bem informado sobre todas as etapas, desde o pré-operatório até o pós-cirúrgico. Isso porque a cirurgia traz mudanças significativas não só no corpo, mas também nas emoções e na vida social do paciente. Por esse motivo, o acompanhamento psicológico é fundamental em todas as fases do processo.

## **5. METODOLOGIA**

Para a realização desta pesquisa, foi adotada uma abordagem qualitativa, que busca compreender, de forma aprofundada, as experiências subjetivas, percepções e significados construídos. Segundo *Minayo* (2001), a pesquisa qualitativa responde a questões particulares de um grupo, pois busca compreender “[...] motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, 2001, p.21-22).

Assim, é possível compreender que a pesquisa qualitativa permite que o pesquisador possa explorar fenômenos sociais com foco na escuta sensível, na observação das narrativas. Neste estudo, busca-se compreender como a autoimagem profissional é construída e vivida por jornalistas gordas que atuam ou atuaram no telejornalismo, considerando os impactos das exigências estéticas e das dinâmicas do ambiente midiático sobre sua identidade enquanto profissionais da comunicação.

Quanto aos procedimentos de investigação, foi escolhida a pesquisa bibliográfica com a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento através de uma investigação científica de obras já publicadas.

Para Andrade,

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizaram pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (Andrade, 2010, p.25).

Com isso, podemos compreender que a pesquisa bibliográfica consiste em uma imersão teórica, contribuindo para a construção de um referencial sólido e de uma análise crítica sobre o assunto. Por meio da leitura e interpretação de livros, artigos acadêmicos, dissertações e teses, buscou-se identificar conceitos, argumentos e evidências que dialogassem com os objetivos desta investigação. Esse tipo de abordagem também possibilita um mapeamento do conhecimento já produzido, ajudando a compreender as principais contribuições e lacunas existentes no campo estudado.

Diante do questionamento como mulheres gordas que atuam no telejornalismo lidam com a pressão estética nos espaços midiáticos e como isso interfere na construção da sua autoimagem, optou-se por realizar um estudo de caso com abordagem qualitativa, do tipo exploratório e descritivo. Segundo *Denzin e Lincoln* (2006), a pesquisa qualitativa tem suas raízes na Sociologia e na Antropologia. A partir dos estudos da *Escola de Chicago*, ganhou destaque nos estudos de sociologia das décadas de 1920 e 1930, investigando o comportamento e as experiências de grupos sociais em seus contextos reais. Já a pesquisa qualitativa na Antropologia é interpretativa, ou seja, busca entender os significados construídos pelas pessoas em seus próprios ambientes. Nesse sentido, para *Vieira e Zouain* (2005) esse tipo de pesquisa valoriza os relatos dos participantes, o que é essencial para compreender as experiências analisadas neste trabalho.

A entrevista também foi utilizada como instrumento de coleta de dados. Segundo *Gil* (2010), esse tipo de entrevista é uma forma de interação social em que o pesquisador busca informações e o entrevistado atua como fonte. Optou-se pela entrevista semiestruturada, que, conforme *Triviños* (1987), é composta por perguntas elaboradas previamente com base em teorias e hipóteses relacionadas ao tema, permitindo que o entrevistador altere ou inclua novas questões ao longo da conversa. Como destaca *Manzini* (2003), esse tipo de entrevista

pode ser planejado com um roteiro básico, servindo como guia para o pesquisador organizar a conversa e garantir que os temas principais sejam abordados durante a interação.

Por fim, é importante destacar que esta pesquisa não se limita a análise teórica, mas inclui também a produção de um documentário como parte essencial do trabalho. Toda a metodologia adotada, desde a pesquisa sobre o tema, a definição das participantes, a realização das entrevistas, até a construção do documentário, será descrita de forma detalhada nos próximos capítulos. A seguir, serão apresentadas as etapas de produção do documentário, evidenciando como os dados e reflexões da pesquisa foram transformados em uma narrativa audiovisual.

## **6. DOCUMENTÁRIO**

Para *Bill Nichols*, o que distingue um documentário de outros filmes é a forma como ele representa a realidade. O autor propõe duas categorias para classificar os documentários: os voltados para os desejos humanos e aqueles focados na representação social. O primeiro se aproxima do universo da ficção, pois trata de sentimentos, sonhos, medos, fantasias e desejo, dando forma ao que imaginamos, tornando visíveis nossas emoções (Nichols, 2001, p. 26). Já os documentários ligados à representação social buscam retratar questões reais e coletivas, trazendo à tona temas sociais, culturais ou políticos. Essas categorias ajudam a entender como diferentes estilos de documentário podem provocar reflexões, despertar emoções ou dar voz a realidades pouco visibilizadas.

Para o autor, qualquer que seja o tipo de documentário, a representação é fundamental na construção dos filmes:

[...] os documentários mostram aspectos ou representações auditivas e visuais de uma parte do mundo histórico. Eles significam ou representam os pontos de vista de indivíduos, grupos e instituições. Também fazem representações, elaboram argumentos ou formulam suas próprias estratégias persuasivas, visando convencer-nos a aceitar suas opiniões (Nichols, 2005, p.30).

Deste modo, o documentário oferece diversas possibilidades de aproximação com a realidade. Como destaca Lins (2004), ele pode falar do mundo de diferentes maneiras, dependendo da forma como a narrativa é estruturada. Cada documentário expressa uma perspectiva particular, que varia de acordo com quem está por trás da câmera. Assim, não se trata de mostrar uma única verdade ou uma cópia fiel dos fatos. Para Ramos (2008), o documentário é formado por diferentes vozes que falam sobre o mundo e sobre suas vivências, revelando seu ponto de vista e não um espelho neutro da realidade. Segundo Penafria (2001), uma das funções centrais do documentário é o diálogo gerado a partir de

diferentes vivências, além disso, essa linguagem pode revelar aspectos que são ignorados ou ocultados por influências sociais, culturais e históricas.

Como desdobramento da metodologia qualitativa, foi desenvolvido um documentário que traduz as reflexões teóricas e os relatos das participantes em uma narrativa audiovisual. Construído a partir da pesquisa bibliográfica e das entrevistas semiestruturadas, o filme busca revelar como a pressão estética internalizada impacta a autoimagem de jornalistas mulheres gordas e influencia sua atuação e permanência diante das câmeras no telejornalismo. Assim, o documentário materializa o percurso da investigação, transformando dados e análises em uma experiência sensível de escuta e observação.

O documentário desenvolvido neste trabalho apresenta uma realidade pouco discutida: a forma como mulheres que atuam no telejornalismo constroem sua autoimagem e como o espelho e a câmera têm importância nessa construção. A intenção é refletir como os olhares de si próprio e do outro se cruzam com os padrões criados no cotidiano profissional.

## **6.2 PRÉ-PRODUÇÃO**

Aqui começo a descrever as etapas de produção do meu documentário. A partir deste ponto, e assim como na justificativa, optou-se por uma abordagem mais pessoal e em primeira pessoa, tendo em vista que o relato das vivências, decisões e experiências durante as gravações exige um posicionamento mais direto.

A pré-produção deste trabalho começou em 2023, com a escolha do tema da minha pesquisa. Para entender um pouco mais da temática, iniciei a leitura do livro *O Mito da Beleza: Como as Imagens de Beleza são Usadas Contra as Mulheres*, de Naomi Wolf. A autora mostra como a valorização da beleza e da juventude feminina é usada como forma de controle social e que esse padrão estético serve para limitar as conquistas das mulheres. Essa leitura foi fundamental para que eu começasse a refletir sobre os padrões de imagem impostos às mulheres, especialmente no contexto do telejornalismo.

Atrelado a isso, iniciei a realização de pesquisas bibliográficas e documentais sobre os padrões de beleza. Para isso, utilizei bases de dados acadêmicas amplamente reconhecidas, como o Scielo (Scientific Electronic Library Online), Periódicos CAPES, BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), além do Google Acadêmico e do Repositório Institucional da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), por serem fontes confiáveis e acessíveis para pesquisas científicas. Nessa etapa, pesquisei por descritores como “padrões”, “beleza”, “jornalistas”, “mulheres gordas” e “autoimagem”. Esses termos foram combinados entre si

para refinar os resultados e localizar materiais alinhados aos objetivos da pesquisa. O critério de seleção dos textos considerou a atualidade das publicações (com preferência para materiais publicados nos últimos 20 anos), a relevância do conteúdo para o tema proposto, a credibilidade da fonte (priorizando livros, artigos científicos, dissertações e teses), bem como a recorrência dos autores na área. Também foram consultadas reportagens, publicações em sites especializados em mídia e comunicação e produções acadêmicas que dialogam diretamente com o objeto de estudo.

### **6.2.1 ESCOLHA DAS FONTES**

A definição das fontes é uma das etapas mais importantes na construção da pesquisa. Como explica Martino (2018, p. 116), “escolher as fontes, dentro das pesquisas qualitativas, corresponde a definir a amostra”. O que significa que a escolha de quem será ouvido influencia diretamente na profundidade dos dados obtidos. Pensando nisso, neste trabalho as pessoas entrevistadas foram selecionadas de acordo com os critérios a seguir:

#### **a) Mulheres gordas e jornalistas:**

A escolha de mulheres jornalistas como fontes para este documentário partiu de uma experiência pessoal, mas que reflete uma realidade coletiva. Segundo Wolf (1992), os corpos femininos são historicamente controlados por padrões de beleza que funcionam como uma forma de dominação, onde a aparência se torna critério de avaliação profissional e social.

No telejornalismo, essa (auto) cobrança se torna ainda mais evidente, uma vez que a imagem é parte essencial da prática profissional. Para mulheres gordas, estar diante das câmeras significa, muitas vezes, enfrentar não apenas o desafio da comunicação, mas também o julgamento constante sobre seus corpos. Como aponta Santos (2021), o jornalismo televisivo ainda reforça estereótipos que associam credibilidade, competência e profissionalismo à magreza, à juventude e a um padrão estético específico.

#### **b) Jornalistas das TVs do Vale do São Francisco:**

A escolha por selecionar jornalistas que atuam no Vale do São Francisco se dá, primeiramente, por entender que esta é a região onde estou inserida, é onde construí minha formação, consumo informação e me inspiro profissionalmente. A proximidade com esse contexto permite não apenas um olhar mais sensível e comprometido com as realidades locais, mas também favorece a compreensão das especificidades socioculturais que atravessam esses profissionais e seus corpos.

Segundo *Canclini* (2008), é fundamental valorizar as produções locais e compreender os processos culturais dentro dos seus próprios territórios, reconhecendo que as dinâmicas de representação, identidade e mídia se constroem de forma situada, ou seja, são atravessadas pelas características sociais, culturais e econômicas de cada região.

Além disso, *Hall* (2003) afirma que a construção das identidades se dá a partir das experiências, das relações sociais e dos contextos culturais nos quais os sujeitos estão inseridos. Portanto, ouvir mulheres jornalistas do Vale do São Francisco é uma forma de compreender como essas dinâmicas de corpo, autoimagem e padrões estéticos se manifestam em um cenário específico, que, embora esteja conectado às narrativas nacionais, possui suas próprias particularidades, desafios e formas de resistência.

Ao definir o Semiárido nordestino como recorte geográfico, este documentário também busca valorizar a representatividade regional dentro da pesquisa acadêmica. Essa escolha contribui para dar visibilidade a profissionais que atuam fora dos grandes centros urbanos e midiáticos, muitas vezes negligenciados tanto na produção científica quanto nas representações da mídia tradicional. Segundo o artigo *O sertão nas telas do Nordeste: avaliação do conteúdo contextualizado com o Semiárido exibido pela TVE da Bahia e TV PE* (Santos, 2024), é fundamental que os meios de comunicação se aproximem da realidade local e apresentem conteúdos que reflitam a vivência e a cultura da população que habita essas regiões, combatendo a centralização do discurso midiático.

A busca pelas fontes teve início no ano de 2024, a partir do primeiro contato com as participantes, realizado de forma direta e espontânea, utilizando o aplicativo *WhatsApp*. Esse primeiro momento foi essencial para apresentar o tema, explicar os objetivos da pesquisa e, principalmente, construir uma relação de confiança com as fontes. No mesmo ano, consegui realizar os primeiros encontros presenciais com duas das participantes: Elizângela Amorim e Leciane Lima. Esses encontros foram fundamentais não apenas para formalizar o convite, mas também para ouvir, de forma sensível e aberta, suas histórias de vida e suas experiências profissionais. Durante essas conversas iniciais, não utilizei equipamentos de gravação, todo o processo foi registrado apenas com o auxílio de um caderno de anotações e uma caneta, o que proporcionou uma escuta mais afetiva, menos invasiva e mais acolhedora.

Com o início do semestre letivo da Universidade do Estado da Bahia no semestre 2025.1, dei início aos encontros com a minha professora-orientadora para a realização de um trabalho reflexivo sobre o meu tema e a criação do documentário. O primeiro encontro aconteceu no início de abril de 2025. Ainda na fase de nos conhecermos, conversamos sobre

o tema do trabalho e lhe contei sobre a minha trajetória na Universidade. Após essa conversa, foi compreendido que seria necessário fazer alguns ajustes na abordagem do tema principal da pesquisa. A primeira atividade a ser realizada foi uma pesquisa sobre cirurgia bariátrica, pois era um assunto em comum entre as fontes e um dos motivos do meu trabalho.

O segundo encontro foi marcado por uma conversa sobre o produto, a minha orientadora pediu que fosse desenvolvido um roteiro de entrevistas, uma vez que as fontes já haviam sido escolhidas. Também foi realizada uma breve reflexão sobre “o que você diria para seu eu do passado” e “como era minha relação com a minha imagem no vídeo”. Após essas reflexões e uma longa conversa, fizemos uma alteração no objeto de pesquisa e começamos de fato a produção. Comecei a assistir aos documentários disponíveis no canal *Contexto Semiárido* disponível no *Youtube*, que é uma plataforma que também disponibiliza projetos de TCC da Uneb, e assim fui iniciando o planejamento de como seria essa produção.

Na sequência dei continuidade à busca por personagens e estabeleci contato com mais uma jornalista. Maria Lima completaria, assim, o grupo de personagens. As conversas seguiram o mesmo formato das anteriores, priorizando o diálogo, a escuta ativa e o registro manual das informações consideradas relevantes.

Com as fontes definidas, iniciei o desenvolvimento do roteiro de entrevistas. Optei por elaborar dez perguntas para cada participante, buscando conduzir as entrevistas de forma fluida, mas ao mesmo tempo garantindo que os temas centrais da pesquisa fossem abordados. Paralelamente, também elaborei um roteiro técnico, no qual defini os tipos de planos, ângulos, luz e estética visual que desejava para o documentário, considerando que as imagens seriam captadas por um cinegrafista profissional, contratado exclusivamente para essa etapa.

### **6.3.1 SILÊNCIO, GRAVANDO...**

As gravações das entrevistas com as três personagens foram feitas com o auxílio do cinegrafista Ailton Nery, sob a minha direção. As captações foram realizadas em dias diferentes, mediante a agenda das personagens.

Durante as gravações, foram utilizados equipamentos do cinegrafista, como câmera filmadora *Canon C100 Mark II*, microfone lapela sem fio *Synco 2,4 ghz* e monopé hidráulico *Manfrotto*. As entrevistas foram registradas com planos médios e closes, buscando captar expressões faciais e gestos, o que contribuiu para a construção de uma narrativa mais sensível e humana. Como destaca Jucá (2003), o uso das linguagens audiovisual e jornalística no documentário possibilita uma aproximação afetiva com o público, tornando a informação

mais significativa.

A primeira gravação foi realizada no dia 7 de maio de 2025 com Elizângela Amorim, em Petrolina-PE, no período da tarde, em seu escritório de trabalho. A previsão para o início das gravações era para às 14h30, mas devido a um imprevisto do cinegrafista, iniciamos às 15h30. A ideia inicial era dedicar cerca de 60 minutos para cada entrevista e captação das imagens de apoio. Iniciamos com a preparação da personagem e a captação de imagens de apoio. Definimos o local e começamos. A gravação durou cerca de uma hora e meia. A entrevista com Elizângela Amorim foi surpreendente, mesmo já conhecendo a história dela, me emocionei com os detalhes da sua trajetória, do seu recomeço em outra profissão e sua coragem.

No dia 13 de maio de 2025, fui ao encontro de Maria Lima para a captação de imagens de apoio. Atualmente ela é professora na Universidade do Estado da Bahia e acompanhamos uma de suas aulas. A captação das imagens começou às 14h no campus da Uneb em Juazeiro e durou cerca de uma hora.

Havia combinado com o cinegrafista três saídas para as gravações, faltavam duas entrevistas e uma conversa com as personagens. Consegui agendar as duas para o mesmo dia. Finalmente, no dia 30 de maio de 2025 dei início às duas últimas entrevistas, com Maria Lima e Leciane Lima.

Iniciamos na casa de Maria Lima, que fica localizada em Petrolina, às 14h. Eu já havia criado um padrão para as entrevistas, iniciando com captação de imagens de apoio, organização do espaço para a entrevista, transformando esse momento em algo mais fluido e rápido. Ao finalizarmos as gravações fomos agraciados com um delicioso lanche que a nossa querida Maria Lima nos proporcionou.

Após a finalização com Maria Lima, eu e Ailton seguimos ao encontro de Leciane Lima. Sua entrevista aconteceu na sede da TV Grande Rio, seu local de trabalho. Demoramos um pouco para começar, pois tivemos dificuldade em encontrar um local que combinasse com o padrão que criei para os depoimentos. Devido a essa dificuldade, não consigo dizer exatamente a que horas começamos, mas a gravação durou cerca de uma hora.

Leciane Lima tem uma vida bem ativa e na sua rotina não falta atividade física constante. Como parte importante da sua trajetória, decidi que as imagens de apoio dela seriam feitas durante um treino. Sua paixão é o *Crossfit*, e foi nesse ambiente que finalizamos as gravações às 17h40.

## 6.4 DECUPAGEM E EDIÇÃO

Após finalizar todas as gravações, recebi todo o conteúdo gravado e iniciei a decupagem. Nesse processo, ouvi com muita atenção todas as entrevistas e captei os detalhes que passaram despercebidos no momento da captação. Essa etapa levou mais tempo e atenção. Foi preciso assistir algumas vezes, para não deixar escapar nenhuma fala, movimento ou detalhe importante para o documentário.

Enquanto fazia a decupagem, dei início à elaboração do roteiro de edição, um dos processos mais importantes para a construção do filme. Esta é a etapa decisiva para o modo e a forma que o documentário pode tomar. Além da seleção e da ordem das falas, definir com muita atenção os cortes que seriam feitos, quais imagens de apoio se encaixavam naquele momento. Escolhi também as cenas para usar na abertura do filme e também no encerramento.

A edição do documentário também foi executada pelo mesmo profissional que fez as imagens, Ailton Nery. Com o primeiro roteiro em mãos, Ailton me entregou a primeira versão do documentário que resultou em um filme de 36 minutos. Nessa etapa, o material reuniu trechos extensos das entrevistas, privilegiando as falas das participantes de forma integral. Essa versão serviu como base para avaliar o conteúdo captado, permitindo uma reflexão mais aprofundada sobre a narrativa e os ajustes necessários para alcançar o resultado final.

No dia 4 de julho de 2025 fui ao encontro de Ailton em seu estúdio para que a edição fosse feita de forma conjunta. Cheguei no local às 16h e iniciamos imediatamente. Para a edição ele usou o aplicativo *CapCut Pró* no computador I-7, processador: *Intel(R) Core(TM) (8 CPUs) Windows 12*.

Optamos por reformular a abertura trazendo uma introdução capaz de situar o espectador com mais clareza em relação ao tema. Também organizamos a sequência dos depoimentos permitindo uma fluidez entre as falas das entrevistadas, criando conexões entre as suas experiências. Além disso, substituímos algumas imagens de apoio para garantir a sintonia expressada nas entrevistas. Para as tarjas dos créditos de apresentação escolhi o vermelho com o intuito de criar uma ligação com a cor que representa o curso de Jornalismo. A escolha da trilha sonora instrumental também foi cuidadosamente pensada para não se sobrepor às vozes e acompanhar os momentos-chave com sutileza, além de dar o ritmo pretendido à produção. Após duas horas de edição, conseguimos fechar o documentário com um tempo total de 18 minutos e 10 segundos.

Na pós-produção, foi pensado e escolhido o título *Entre espelhos e câmeras, o peso de ser fora do padrão*, que surgiu a partir da escuta e interpretações das entrevistas. Pude perceber o quanto a imagem que cada uma constroi de si mesma está ligada ao que veem no espelho e também à forma como se veem pelas câmeras e pela sociedade. O título representa esse conflito entre a autoimagem e a imagem veiculada na TV, revelando as múltiplas camadas que envolvem ser mulher, ser jornalista e ser gorda em um espaço ainda marcado por padrões estéticos rígidos.

Através do documentário, foi possível dar visibilidade a vivências que são silenciadas no campo do telejornalismo. Mais do que um produto audiovisual, representa a construção coletiva de memórias e questionamentos que atravessam o corpo, a profissão e a imagem.

O documentário está disponível no canal *Contexto Semiárido* no *Youtube*:

<https://www.youtube.com/watch?v=PPH3vabbRHk>

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação que deu origem a esta pesquisa não partiu apenas de um interesse acadêmico, mas de uma inquietação pessoal, uma ferida silenciosa provocada por anos de vivências e observações em um mundo que insiste em atrelar o valor de uma mulher à forma do seu corpo. Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, busquei compreender e revelar como, no contexto midiático, especialmente no telejornalismo, a cabeça da mulher foi moldada a aceitar que seu corpo define seu lugar no mundo.

Durante o processo de produção, foi possível perceber o quanto a construção da autoimagem dessas mulheres está ligada ao olhar do outro, ao reflexo no espelho e à forma como suas imagens são captadas pelas câmeras. Nesse sentido, a imagem não é neutra, ao contrário, carrega valores, preconceitos e representações sociais que precisam ser constantemente questionados. Além disso, a experiência foi também um exercício de escuta, empatia e aprendizado pessoal e profissional. A produção do documentário não apenas concretizou uma proposta acadêmica, mas também foi fundamental para a minha formação enquanto jornalista e pesquisadora. Um trabalho que exigiu pesquisa teórica, sensibilidade narrativa e ampliou o meu olhar sobre construções identitárias e o modo como cada pessoa se vê e é vista.

Ao finalizar este percurso, posso afirmar que os objetivos propostos foram plenamente alcançados e a pergunta de pesquisa foi respondida com clareza: a padronização estética não é apenas uma exigência externa, mas um mecanismo internalizado, construído historicamente e reforçado no cotidiano, influenciando a autoestima, a autoimagem e até as oportunidades profissionais de mulheres jornalistas. O documentário produzido deu forma e voz a essas reflexões, permitindo que histórias individuais revelassem uma verdade coletiva.

O presente trabalho carrega a força de uma investigação inédita no âmbito acadêmico, abordando de maneira profunda a relação entre mulheres jornalistas gordas, padrões estéticos e a construção da autoimagem no telejornalismo. Apesar de já existir uma discussão forte sobre gênero e mídia, ainda existe um silêncio sobre como o corpo influencia as oportunidades, a credibilidade e a permanência dessas profissionais diante das câmeras. Esta pesquisa inaugura um novo espaço de debate e oferece contribuições teóricas para futuros estudos. Trata-se de um tema que extrapola o campo da comunicação e do jornalismo, dialogando também com questões sociológicas, psicológicas e políticas, o que o torna ainda mais relevante para a compreensão das estruturas de poder que moldam a sociedade contemporânea.

Espero que essa pesquisa não se encerre aqui ou com a exibição do documentário, mas que se projete como ponto de partida para reflexões mais amplas, pesquisas e ações concretas que valorizem a pluralidade de corpos e narrativas, promovendo uma comunicação mais justa, inclusiva e representativa. Sua originalidade e pertinência a colocam como referência para quem busca compreender e transformar as relações entre corpo, imagem e poder na mídia. Que este trabalho possa abrir caminho para que outras vozes sejam ouvidas, outras histórias sejam contadas e, principalmente, para que nenhuma mulher acredite que o seu valor está condicionado à forma do seu corpo. Que esta pesquisa seja lembrada como um registro sensível, necessário e profundamente humano, capaz de reafirmar que o lugar da mulher no mundo deve ser definido pela sua competência, pela sua voz e pelo seu direito inegociável de existir em sua totalidade.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDRINO, Viviane. *A mulher no jornalismo esportivo: análise da participação feminina no telejornalismo brasileiro*. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Cristo Rei, Cornélio Procopio, PR, 2011.
- ANDRADE, Maria Margarida de. *Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação*. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- ARAÚJO, Isabele. Corpo, imagem e visibilidade: mulheres jornalistas na TV e os padrões estéticos. *Revista Comunicação & Sociedade*, v. 41, n. 1, p. 155-172, 2019. Disponível em: <https://revcom.portcom.intercom.org.br>. Acesso em: 5 jul. 2025.
- BARROSO, Desirée Rodrigues; ALMEIDA, Luciani Infantini da Rosa; KULNIG, Alice Medeiros. Mídia e construção da imagem corporal em adolescentes do gênero feminino. *Revista Brasileira de Reabilitação e Atividade Física*, v. 1, n. 1, p. 53-62, 2020. Disponível em: <https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/rbraf/article/view/839>. Acesso em: 7 jul. 2024.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BONASIO, V. *Televisão: manual de produção & direção*. Belo Horizonte: Leitura, 2002.
- BORDO, Susan. *O corpo e a reprodução da feminilidade*. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). *Diferenças de gênero no debate contemporâneo*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 219-245.
- BUCCI, Eugênio. *Brasil em tempo de TV*. São Paulo: Boitempo, 1997, p. 13.
- BUCCI, Eugênio. *Brasil em tempos de TV*. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2000.
- CAPARELLI, Sérgio. *Televisão e capitalismo no Brasil*. Porto Alegre: &PM, 1982.
- COSTA, Maria Jussara M. da; SANTOS, Jussara B. dos; SILVA, Marcos V. da. Aspectos psicossociais da cirurgia bariátrica: contribuições da psicologia. *Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 104-119, 2008.
- DE LAURETIS, Teresa. *A tecnologia do gênero*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- DE VILHENA, Sérgio; MEDEIROS, Melina; DE VILHENA, Simone. Mídia, corpo e subjetividade. In: BERNARDO, Maria H.; OLIVEIRA, Zilma de (orgs.). *Corpo, imagem e mídia: representações do corpo na cultura contemporânea*. São Paulo: Summus, 2005. p. 61-77.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DOLTO, Françoise. *Imagem inconsciente do corpo*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- FISCHLER, Claude. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, D. B. de (org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 69-80.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FLORES, Mariângela. *Cirurgia bariátrica e subjetividade: o corpo em transformação*. Curitiba: Appris, 2014.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, n. 117, p. 37-52, 2002.

IANNI, Octavio. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

JUCÁ, Alexandre. *Documentário: teoria e prática*. São Paulo: Summus, 2003.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LE BRETON, David. O corpo-máquina. In: *Veredas: revista de divulgação do Centro Cultural do Banco do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 63, mar. 2001, p. 20-24.

LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOBO, Elisa Pereira; BALOGH, Carmen. Gênero e Jornalismo: as mulheres nas redações e nas telas da TV. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 34, n. 2, p. 115-131, 2011. LOBO, Elisa Pereira; BALOGH, Carmen Rial. Mulheres jornalistas na televisão: aparência física, idade e gênero como critérios de seleção. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 547-566, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref>. Acesso em: 5 jul. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 14-36.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Televisão e hábitos culturais*. São Paulo: Summus, 1999.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (orgs.). *Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial*. Londrina: eduel, 2003. p. 11-25.

MARCHESINI, Sérgio D. *Obesidade: cirurgia, aspectos clínicos e psiquiátricos*. São Paulo: Atheneu, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trans. C. A. R. de Moura. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NAPOLITANO, Marcos. *Seguindo a canção: engajamento político e indústria cultural na MPB (1959-1969)*. São Paulo: Annablume, 2001.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Trad. Alessandra Simões. Campinas: Papyrus, 2001.

ORLANDI, E. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Obesidade e sobrepeso*. Genebra: OMS, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/obesity-and-overweight>. Acesso em: 5 jul. 2025.

PALACIOS, Marcos. Convergência e memória: jornalismo, contexto e história. *Matrizes*, v. 4, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38274>. Acesso em: 28 jun. 2025.

PAIM, Jair Z.; KOVALESKI, Daniel F. Obesidade, biopolítica e sociedade de controle: o corpo como alvo da governamentalidade contemporânea. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 35, n. 102, p. 1-17, 2020. DOI:10.1590/34112020102.

PENAFRIA, Manuela. O ponto de vista no filme documentário. Universidade da Beira Interior, 2001.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres e a profissionalização no Brasil: percursos históricos e desafios atuais. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 483-497, 2005.

PHICININ, Fabiana. Notícias na TV Global: diferenças (ou não) entre o jornalismo americano e o europeu. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/piccinin-fabiana-telejornalismo-americano-europeu.pdf>. Acesso em: 17 maio 2025.

RAMONET, Ignácio. *A tirania da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

RAMOS, Fernão. *Mas afinal... o que é mesmo documentário?*. São Paulo: Senac, 2008.

RAMOS, Murilo César. TV por assinatura: segunda onda de globalização da televisão brasileira. In: MORAES, Dênis de (org.). *Globalização, mídia e cultura contemporânea*.

- Campo Grande: Letra Livre, 1997. p. 135-166.
- REIMÃO, Sandra (coord.). *Em instantes: notas sobre a programação da TV brasileira (1965-1995)*. São Paulo: Fac. Salesianas/Cabral, 1997.
- REZENDE, Guilherme Jorge. *Telejornalismo no Brasil, um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.
- RIBEIRO, José Hamilton. *Jornalistas: 1937 a 1997: histórias da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.
- SANTOS, Fabíola Moura Reis; LINS NETO, Ernani Machado de Freitas; COUTINHO, Iluska Maria da Silva. O sertão nas telas do Nordeste: avaliação do conteúdo contextualizado com o Semiárido exibido pela TVE da Bahia e TV PE. *Revista Ouricuri*, Juazeiro, BA, v. 14, n. 1. 3-25, jan./jul. 2024. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/ouricuri>. Acesso em: 6 jul. 2025.
- SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- SCHILDER, Paul. *A imagem do corpo: as energias construtivas da psique*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- SQUIRRA, Sebastião Carlos de Morais. *Aprender telejornalismo: produção e técnica*. 1. reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- TRIVIÑOS, Antônio N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.
- VIEIRA, Rosângela F.; ZOUAIN, Deborah Moraes. *Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática*. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.
- WINNICOTT, Donald W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. 12. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.

## 9. APÊNDICE

### APÊNDICE I - Pré-roteiro

SUPORTE: PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

TÍTULO: ENTRE ESPELHOS E CÂMERAS, O PESO DE SER FORA DO PADRÃO

PERSONAGENS PRÉ-DEFINIDOS: (3 personagens)

Elizângela Amorim	Formada em Jornalismo, trabalhou como repórter da TV São Francisco.
Maria Lima	Trabalhou em vários meios de comunicação até chegar na TV São Francisco e assumir a bancada por muitos anos seguidos.
Leciane Lima	Trabalha nos dias atuais na TV Grande Rio.

MATERIAL PARA IMAGENS DE APOIO:

ATUAL LOCAL DE TRABALHO	*** Imagens de cada personagem no seu ambiente de trabalho que atuam.
FOTOS DE ARQUIVOS E OBJETOS PESSOAIS	*** Imagens dos arquivos e das personagens folheando ou tocando nos objetos.
ROTINA PESSOAL	*** Imagens das personagens em ambientes pessoais, confortáveis e fazendo coisas de sua rotina.

### APÊNDICE II - Roteiros de Gravação

ROTEIRO DE GRAVAÇÃO

ENTREVISTADA 1: ELIZÂNGELA

AMORIM DATA DA ENTREVISTA: 07/05

ÀS 14:30 LOCAL:

ESCRITÓRIO PESSOAL

#### Cena:

- Ambiente: escritório que ela trabalha (local aconchegante), pois possuem elementos que representam o cotidiano dela.
- Luz: Iluminação suave e quente, com foco no rosto, preferência por luz natural.

- Câmera: Um enquadramento meio corpo, com close no rosto.

### **Imagens de apoio:**

- Entrevistada mostrando vídeos e fotos do tempo que ela estava na TV.
- Bastidores de gravações, ajustes de câmera, microfone.
- Close em detalhes: mãos nervosas, olhos, maquiagem sendo feita, ajeitando os cabelos.
- Caminhando sozinha pela cidade, olhando vitrines e seu próprio reflexo.

### **PERGUNTAS PARA ENTREVISTA:**

Gravar uma breve apresentação dizendo nome, idade, profissão e por quanto tempo atuou no telejornalismo e em quais emissoras.

1. VOCÊ LEMBRA DO QUE ACHOU QUANDO SE VIU PELA PRIMEIRA VEZ NA TELEVISÃO COMO REPÓRTER?
2. COMO VOCÊ LIDOU COM SUA AUTO IMAGEM NA TELA COM O PASSAR DOS ANOS E AS MUDANÇAS DO CORPO?
3. JÁ RECEBEU ALGUM TIPO DE COMENTÁRIO SOBRE O SEU CORPO NO AMBIENTE PROFISSIONAL?
4. EM ALGUM MOMENTO VOCÊ TENTOU MUDAR SUA APARÊNCIA PARA SE ADEQUAR A UM “PADRÃO” ESTÉTICO QUE ACABOU SE CONSOLIDANDO NO TELEJORNALISMO?
5. QUAL SUA A AVALIAÇÃO HOJE, DEPOIS DE TUDO QUE VIVEU NOS ANOS DE ATUAÇÃO NA TELEVISÃO?
6. O QUE TE LEVOU A MUDAR DE PROFISSÃO E DEIXAR O TELEJORNALISMO?
7. QUE MENSAGEM VOCÊ DEIXARIA PARA OUTRAS MENINAS E MULHERES GORDAS QUE DESEJAM ESTAR DIANTE DAS CÂMERAS PARA ATUAR COMO PROFISSIONAIS DO TELEJORNALISMO?

ENTREVISTADA 2: LECIANE LIMA

DATA DA ENTREVISTA: 30/05/2025 às 16:30

LOCAL: TV GRANDE RIO/ ESPAÇO QUE ELA TREINA

### **Cena 1: Entrevista**

- Ambiente: academia que ela treina

- Luz: Iluminação suave e preferência por luz natural.
- Câmera:

### **Imagens de apoio:.**

- Bastidores de gravações, ajustes de câmera, microfone. imagem por trás dela , com ela se vendo na câmera de estúdio
- Ela treinando e mostrando seu novo corpo.
- Ela se arrumando para o trabalho.
- Close em detalhes: mãos, olhos, maquiagem sendo feita. Caminhando sozinha pela redação
- Ela apresentando o jornal.

### **PERGUNTAS PARA ENTREVISTA**

Breve apresentação dizendo nome, idade, profissão e por quanto tempo atuou ou atua no telejornalismo e em quais emissoras.

1. POR QUE VOCÊ ESCOLHEU JORNALISMO?
2. VOCÊ LEMBRA DO QUE ACHOU QUANDO SE VIU PELA PRIMEIRA VEZ NA TELEVISÃO COMO REPÓRTER?
3. COMO VOCÊ LIDOU COM SUA AUTO IMAGEM NA TELA COM O PASSAR DOS ANOS E AS MUDANÇAS DO CORPO?
4. JÁ RECEBEU ALGUM TIPO DE COMENTÁRIO SOBRE O SEU CORPO NO AMBIENTE PROFISSIONAL?
5. VOCÊ PENSOU EM SEGUIR UMA ÁREA MENOS EXPOSTA DENTRO DO JORNALISMO POR CAUSA DO SEU CORPO?
6. COMO ERA SUA RELAÇÃO COM O CORPO?
7. A DECISÃO DE REALIZAR UMA CIRURGIA ESTÉTICA TEVE ALGUMA RELAÇÃO COM A SUA PROFISSÃO?
8. COMO FOI (OU TEM SIDO) RECONSTRUIR SUA RELAÇÃO COM A ALIMENTAÇÃO E COM O PRÓPRIO CORPO?
9. COMO É A SUA ROTINA HOJE, EM RELAÇÃO À ALIMENTAÇÃO, EXERCÍCIOS E CUIDADOS COM A SAÚDE MENTAL?

10. QUE MENSAGEM VOCÊ DEIXARIA PARA OUTRAS MENINAS E MULHERES GORDAS QUE SONHAM EM ESTAR DIANTE DAS CÂMERAS PARA ATUAR COMO PROFISSIONAIS DO TELEJORNALISMO?

ENTREVISTADA 3: MARIA LIMA

DATA DA ENTREVISTA: 30/05/2025 ÀS  
14:00

LOCAL: CASA

**Cena 1: Entrevista**

- Ambiente: sala de casa (local aconchegante), pois possuem elementos que representam o cotidiano dela.
- Luz: Iluminação suave e quente, com foco no rosto, preferência por luz natural.
- Câmera:

**Imagens de apoio:**

- Bastidores de gravações, ajustes de câmera, microfone.
- Ela está assistindo a si mesma na TV ou no computador, com expressão de análise.
- Ela se olhando em vários espelhos.
- Ela mostrando as roupas que usava na tv e comparando o tamanho das peças com as peças que ela usa hoje em dia.

PERGUNTAS PARA ENTREVISTA

Breve apresentação dizendo nome, idade, profissão e por quanto tempo atuou ou atua no telejornalismo e em quais emissoras.

1. COMO VOCÊ COMEÇOU A SUA CARREIRA DE COMUNICADORA?
2. MESMO COM UMA CARREIRA JÁ CONSOLIDADA, POR QUE DECIDIU FAZER A FACULDADE DE JORNALISMO?
3. VOCÊ LEMBRA DO QUE ACHOU QUANDO SE VIU PELA PRIMEIRA VEZ NA TELEVISÃO COMO REPÓRTER?
4. COMO VOCÊ LIDOU COM SUA AUTO IMAGEM NA TELA COM O PASSAR DOS ANOS E AS MUDANÇAS DO CORPO?
5. JÁ RECEBEU ALGUM TIPO DE COMENTÁRIO SOBRE O SEU CORPO NO AMBIENTE PROFISSIONAL?

6. VOCÊ PENSOU EM SEGUIR UMA ÁREA MENOS EXPOSTA DENTRO DO JORNALISMO POR CAUSA DO SEU CORPO?
1. COMO VOCÊ COMEÇOU A SUA CARREIRA DE COMUNICADORA?
2. MESMO COM UMA CARREIRA JÁ CONSOLIDADA, POR QUE DECIDIU FAZER A FACULDADE DE JORNALISMO?
3. VOCÊ LEMBRA DO QUE ACHOU QUANDO SE VIU PELA PRIMEIRA VEZ NA TELEVISÃO COMO REPÓRTER?
4. COMO VOCÊ LIDOU COM SUA AUTO IMAGEM NA TELA COM O PASSAR DOS ANOS E AS MUDANÇAS DO CORPO?
5. JÁ RECEBEU ALGUM TIPO DE COMENTÁRIO SOBRE O SEU CORPO NO AMBIENTE PROFISSIONAL?
6. VOCÊ PENSOU EM SEGUIR UMA ÁREA MENOS EXPOSTA DENTRO DO JORNALISMO POR CAUSA DO SEU CORPO?
7. JÁ RECEBEU ALGUM TIPO DE COMENTÁRIO SOBRE O SEU CORPO NO AMBIENTE PROFISSIONAL?
8. A DECISÃO DE REALIZAR UMA CIRURGIA ESTÉTICA TEVE ALGUMA RELAÇÃO COM A SUA PROFISSÃO, UMA VEZ QUE VOCÊ NÃO ESTAVA MAIS DIANTE DA CÂMERA QUANDO REALIZOU O PROCEDIMENTO?
9. QUE MENSAGEM VOCÊ DEIXARIA PARA OUTRAS MENINAS E MULHERES GORDAS QUE SONHAM EM ESTAR DIANTE DAS CÂMERAS PARA ATUAR COMO PROFISSIONAIS DO TELEJORNALISMO?

### **APÊNDICE III - Roteiro de edição**

#### **ROTEIRO DE EDIÇÃO**

SUPORTE	TÍTULO	TEMPO DE DURAÇÃO
Documentário	ENTRE ESPELHOS E CÂMERAS, O PESO DE SER FORA DO PADRÃO.	18:10

<b>ABERTURA</b> Tela preta com efeito de transição	SEM MÚSICA
---	------------

<p>CENA 1</p> <p>Inserir pequenos vídeos de cada entrevistada na época que iniciou a carreira.</p> <p>SONORA 1 - ELIZÂNGELA AMORIM</p> <p>*sobe tarja de identificação*</p> <p>*inserir imagem dela na faculdade*</p> <p>*inserir imagem dela atuando no telejornalismo no início da carreira*</p> <p>SONORA 2 - MARIA LIMA</p> <p>*sobe tarja de identificação*</p> <p>*inserir imagem dela atuando no telejornalismo no início da carreira*</p> <p>*inserir imagens dela nas emissoras que ela trabalhou*</p> <p>SONORA 3 - LECIANE LIMA</p> <p>*sobe tarja de identificação*</p> <p>*inserir imagem dela atuando no telejornalismo no início da carreira*</p> <p>SONORA 4 - MARIA LIMA</p> <p>*inserir imagens dela atuando no Ceará*</p> <p>TRANSIÇÃO: inserir passagem de cada entrevistada nos jornais que trabalhavam.</p> <p>SONORA 5 - LECIANE LIMA</p>	<p>*ARQUIVO PESSOAL</p> <p>ELIZÂNGELA AMORIM</p> <p>Vídeo 1</p> <p>D.I.: 0:15 “eu me chamo...”</p> <p>D.F.: 0:31 “durante mais de 20 anos...”</p> <p>MARIA LIMA</p> <p>Vídeo 2</p> <p>D.I.: 0:32 “me chamo...”</p> <p>D.F.: 01:08 “eu ancorava o bahia meio dia...”</p> <p>LECIANE LIMA</p> <p>Vídeo 3</p> <p>D.I.: 01:09 “eu sou...”</p> <p>D.F.: 01:45 “no vale do são francisco...”</p> <p>MARIA LIMA</p> <p>Vídeo 2</p> <p>D.I.: 01:46 “depois de passar...”</p> <p>D.F.: 02:33 “que tinha a minha profissão...”</p> <p>LECIANE LIMA</p> <p>Vídeo 3</p> <p>D.I.: 02:57 “quando eu me vi...”</p>
--	---

<p>SONORA 6 - ELIZÂNGELA AMORIM</p>	<p>D.F.: 03:13 “sabendo de tudo...”</p> <p>ELIZÂNGELA AMORIM</p> <p>Vídeo 1</p> <p>D.I.: 03:14 “eu não lembro...”</p> <p>D.F.: 03:28 “eu era tímida...”</p>
<p>SONORA 7 - MARIA LIMA</p>	<p>MARIA LIMA</p> <p>Vídeo 2</p> <p>D.I.: 03:29 “mesmo eu não tendo...”</p> <p>D.F.: 03:49 “diploma de graduação...”</p>
<p>SONORA 8 – ELIZÂNGELA AMORIM</p> <p>*inserir imagens antigas dela na TV*</p> <p>*inserir vídeo antigo de uma passagem no jornal*</p>	<p>ELIZÂNGELA AMORIM</p> <p>Vídeo 1</p> <p>D.I.: 03:50 “você se cobra...”</p> <p>D.F.: 04:22 “da sua imagem também...”</p>
<p>SONORA 9 - LECIANE LIMA</p> <p>*inserir vídeo antigo de uma passagem no jornal*</p>	<p>LECIANE LIMA</p> <p>Vídeo 3</p> <p>D.I.: 04:23 “às pessoas desenham um padrão...”</p> <p>D.F.: 05:07 “tantas coisas assim...”</p>
<p>SONORA 10 - MARIA LIMA</p>	<p>MARIA LIMA</p> <p>Vídeo 2</p> <p>D.I.: 05:08 “no começo eu não...”</p> <p>D.F.: 05:32 “tudo eu queria comer...”</p>
<p>TRANSIÇÃO: inserir passagem de cada entrevistada nos jornais que trabalhavam.</p>	<p>SOBE SOM COM A TRILHA SONORA: OPEN FOREST</p>
<p>SONORA 11: ELIZÂNGELA AMORIM</p> <p>*inserir imagens antigas da personagem*</p>	<p>ELIZÂNGELA AMORIM</p> <p>Vídeo 1</p>

<p>SONORA 12: LECIANE LIMA</p> <p>*dividir a tela enquanto ela fala com imagens de quando ela era magra e como ela foi ganhando peso*</p> <p>*inserir imagens dela durante o tratamento do câncer*</p> <p>*inserir imagem dela quando alcançou seu maior peso*</p> <p>SONORA 13: MARIA LIMA</p> <p>*inserir passagem dela na tv quando estava acima do peso, evidenciando seu rosto*</p> <p>SONORA 14: LECIANE LIMA</p> <p>TRANSIÇÃO: inserir imagens de apoio de Leciane entrando na academia.</p> <p>*inserir imagens de apoio de Leciane provando roupas na academia. *</p> <p>*inserir imagens de apoio de Leciane se olhando no espelho. *</p> <p>SONORA 15: LECIANE LIMA</p> <p>*inserir passagem de Leciane no jornal com roupa preta*</p>	<p>D.I.: 05:39 “diretamente eu nunca recebi...”</p> <p>D.F.: 06:22 “eu sabia que isso existia...”</p> <p>LECIANE LIMA</p> <p>Vídeo 3</p> <p>D.I.: 06:23 “eu chorava muito...”</p> <p>D.F.: 06:59 “eu fazia o que tinha que ser feito...”</p> <p>MARIA LIMA</p> <p>Vídeo 2</p> <p>D.I.: 07:00 “o rosto redondo...”</p> <p>D.F.: 08:01 “naquele espaço...”</p> <p>LECIANE LIMA</p> <p>Vídeo 3</p> <p>D.I.: 08:02 “nunca cheguei a desistir...”</p> <p>D.F.: 08:20 “nunca pensei...”</p> <p>SOBE A TRILHA SONORA</p> <p>LECIANE LIMA</p>
---	---

<p>*inserir imagens dela enquanto estava obesa*</p> <p>TRANSIÇÃO: inserir imagens de apoio de Maria Lima olhando fotos antigas.</p> <p>SONORA 16: MARIA LIMA</p> <p>*inserir imagens de apoio da personagem olhando fotos no computador*</p> <p>SONORA 17: LECIANE LIMA</p> <p>*inserir imagens dela entre a fase mais antiga antes de engordar e atualmente após a perda de peso da cirurgia*</p> <p>*inserir imagens durante o tratamento do câncer*</p> <p>SONORA 18: MARIA LIMA</p> <p>*inserir imagem de apoio da personagem em sala de aula*</p> <p>TRANSIÇÃO: Inserir imagens de apoio de Maria Lima olhando com orgulho a sua caixinha de etiquetas, e algumas peças de roupas antigas.</p> <p>SONORA 19: ELIZÂNGELA AMORIM</p> <p>*inserir imagens de apoio da personagem se arrumando como se estivesse no jornal*</p>	<p>Vídeo 3</p> <p>D.I.: 08:31 “está obesa...”</p> <p>D.F.: 09:10 “eu não me identificava mais...”</p> <p>SOBE A TRILHA SONORA</p> <p>MARIA LIMA</p> <p>Vídeo 2</p> <p>D.I.: 09:17 “eu fui me reinventando...”</p> <p>D.F.: 10:01 “associado a covid-19...”</p> <p>LECIANE LIMA</p> <p>Vídeo 3</p> <p>D.I.: 10:02 “a decisão de fazer...”</p> <p>D.F.11:16 “tem me acompanhado até hoje...”</p> <p>MARIA LIMA</p> <p>Vídeo 2</p> <p>D.I.:11:17 “eu já tinha morrido uma vez...”</p> <p>D.F.: 12:27 “fica na minha carreira também...”</p> <p>SOBE TRILHA SONORA</p> <p>ELIZÂNGELA AMORIM</p> <p>Vídeo 1</p> <p>D.I.: 12:36 “apesar de ter essa cultura muito forte...”</p> <p>D.F.:13:08 “eu fui me adequando...”</p> <p>LECIANE LIMA</p>
--	--



	<p>D.F.: 15:25 “não padrão...”</p> <p>MARIA LIMA</p> <p>Vídeo 2</p> <p>D.I.: 15:08 “se você quer ser jornalista...”</p> <p>D.F.: 15:47 “é o que eu sou...”</p>
<p>SONORA 25: ELIZÂNGELA AMORIM</p>	<p>ELIZÂNGELA AMORIM</p> <p>Vídeo 1</p> <p>D.I.: 15:48 “não seja um profissional...”</p> <p>D.F.: 15:57 “informação verdadeira...”</p>
<p>SONORA 26: MARIA LIMA</p>	<p>MARIA LIMA</p> <p>Vídeo 2</p> <p>D.I.: 15:58 “o que a gente tem...”</p> <p>D.F.: 16:13 “uma grande jornalista...”</p>
<p>SONORA 27: ELIZÂNGELA AMORIM</p>	<p>ELIZÂNGELA AMORIM</p> <p>Vídeo 1</p> <p>D.I.: 16:14 “é estudar pra ser...”</p> <p>D.F.: 16:20 “qualquer um diz...”</p>
<p>SONORA 28: MARIA LIMA</p>	<p>LECIANE LIMA</p> <p>Vídeo 3</p> <p>D.I.: 16:22 “quando você é bom...”</p> <p>D.F.: 16:34 “realizar o que tem que ser feito...”</p>
	<p>SOBE TRILHA SONORA</p>

SONORA 29: ELIZÂNGELA AMORIM

SONORA 30: LECIANE LIMA  
SOBE TELA PRETA COM A TRILHA  
SONORA E IMAGENS DE APOIO DAS  
PERSONAGEM EM SEUS AMBIENTES  
DE TRABALHO.

TRANSIÇÃO: IMAGENS DAS  
PERSONAGENS PASSANDO  
MAQUIAGEM EM FRENTE AO  
ESPELHO.

TRANSIÇÃO: IMAGENS DE LECIANE  
LIMA FINALIZANDO O SEU TREINO  
NA ACADEMIA COM UMA CORRIDA.

TRANSIÇÃO: IMAGENS DE APOIO DE  
ELIZÂNGELA PASSANDO BATOM NA  
FRENTE DO ESPELHO.

SOBE O TÍTULO COM O FUNDO  
PRETO “ENTRE ESPELHOS E  
CÂMERA, O PESO DE SER FORA DO  
PADRÃO

CRÉDITOS:

Pesquisa, Produção, Roteiro e Direção:

Kemilly de Oliveira Barbosa

Imagens e edição: Aiton Nery

Entrevistadas: MARIA FRANCINEIDE

LIMA DE SOUZA - JORNALISTA

SOBE TRILHA SONORA

ELIZÂNGELA DE AMORIM PERERA -  
JORNALISTA

LECIANE LIMA CRUZ - JORNALISTA

Trilha Sonora: Open Forest

Arquivo: Globo Play e Arquivo pessoal das  
entrevistadas.

Agradecimentos:

Agradeço, com profunda gratidão, à minha orientadora Fabíola Moura, ao cinegrafista Ailton Nery, a minha instituição de ensino UNEB, gostaria de agradecer a TV Grande Rio e a academia Soul Cross por cederem seus espaços. E, especialmente, às minhas personagens Leciane Lima, Elizângela Amorim e Maria Lima, por confiarem em mim e abrirem suas histórias. Sem vocês, este documentário não existiria.

Documentário apresentado ao Colegiado de Jornalismo em Multimeios, do Departamento de Ciências Humanas, campus III, da Universidade do Estado da Bahia, para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo em Multimeios.

Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fabíola Moura Reis

Santos

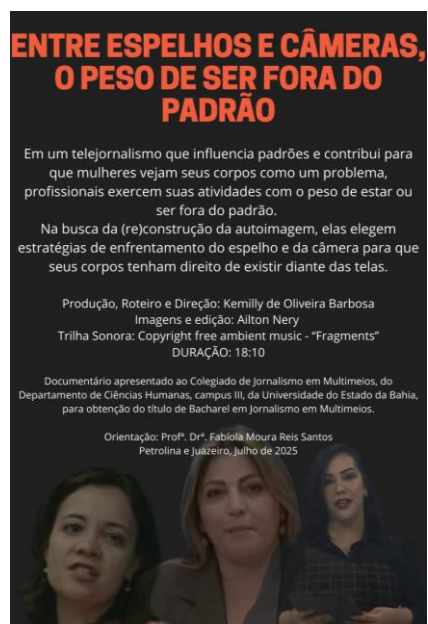
Petrolina e Juazeiro, Julho de 2025

## APÊNDICE IV - Sinopse

Entre espelhos e câmeras, o peso de ser fora do padrão

Em um telejornalismo que influencia padrões e contribui para que mulheres vejam seus corpos como um problema, profissionais exercem suas atividades com o peso de estar ou ser fora do padrão. Na busca da (re)construção da autoimagem, elas elegeм estratégias de enfrentamento do espelho e da câmera para que seus corpos tenham direito de existir diante das telas.

## APÊNDICE V - capa e contra-capas



## ANEXOS

### ANEXO I - Termos de autorização dos entrevistados



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III  
COLEGIADO DE JORNALISMO EM MULTIMEIOS

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME, DEPOIMENTO E IMAGEM E SOM

Eu, Leivane de Jesus Cruz,  
depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso do meu nome, depoimento e/ou som, assim como fotografias (produzidas pela pesquisadora ou por mim cedidas), **AUTORIZO**, por meio do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o/a pesquisador/a Kemilly de Oliveira Barbosa a colher meu depoimento, utilizar meu nome, imagem (produzidas pelo/a pesquisador/a ou por mim cedidas) e informações coletadas a partir das entrevistas sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

O presente consentimento refere-se, especialmente, ao uso das informações (nome, imagem, depoimentos, fotografias – produzidas pela autora ou cedidas) para fins científicos e de estudos (livros, revistas, artigos, slides e mostras), com ênfase no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do/a pesquisador/a supracitado, que tem como objetivo a produção de um Projeto Experimental, intitulado Entre espelhos e câmeras, o peso de ser fora do padrão. A presente autorização não permite a modificação dos conteúdos coletados, adições, ou qualquer mudança que altere o seu sentido ou que desrespeite a inviolabilidade da imagem das pessoas, conforme previsto no inciso X do Art. 5º da Constituição da República Federativa do Brasil e no art. 20 da Lei nº 10.406, de 2002 - Código Civil Brasileiro

Caso, em algum momento, durante o desenvolvimento da pesquisa, eu desista de participar do estudo, reivindico o direito de ter meu nome, sinal-nome, depoimentos e/ou imagem excluídos da pesquisa. Assim como, caso eu decida continuar participando, tenho o direito de reivindicar a qualquer momento a manutenção do nome, sinal-nome, depoimento e/ou imagem em sigilo.

Leivane de Jesus Cruz  
Participante da Pesquisa

Petudore, 30 de Março de 2025

Kemilly de Oliveira Barbosa  
Pesquisador/a

Fabíola Moura R. Santos  
Orientador/a



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III  
COLEGIADO DE JORNALISMO EM MULTIMEIOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE  
AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME, DEPOIMENTO E IMAGEM E SOM

Eu, Elizângela de Amorim Pereira,  
depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso do meu nome, depoimento e/ou som, assim como fotografias (produzidas pela pesquisadora ou por mim cedidas), **AUTORIZO**, por meio do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o/a pesquisador/a Kemilly de Oliveira Barbosa a colher meu depoimento, utilizar meu nome, imagem (produzidas pelo/a pesquisador/a ou por mim cedidas) e informações coletadas a partir das entrevistas sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

O presente consentimento refere-se, especialmente, ao uso das informações (nome, imagem, depoimentos, fotografias – produzidas pela autora ou cedidas) para fins científicos e de estudos (livros, revistas, artigos, slides e mostras), com ênfase no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do/a pesquisador/a supracitado, que tem como objetivo a produção de um Projeto Experimental, intitulado Entre espelhos e câmeras, o peso de ser fora do padrão. A presente autorização não permite a modificação dos conteúdos coletados, adições, ou qualquer mudança que altere o seu sentido ou que desrespeite a inviolabilidade da imagem das pessoas, conforme previsto no inciso X do Art. 5º da Constituição da República Federativa do Brasil e no art. 20 da Lei nº 10.406, de 2002 - Código Civil Brasileiro

Caso, em algum momento, durante o desenvolvimento da pesquisa, eu desista de participar do estudo, reivindico o direito de ter meu nome, sinal-nome, depoimentos e/ou imagem excluídos da pesquisa. Assim como, caso eu decida continuar participando, tenho o direito de reivindicar a qualquer momento a manutenção do nome, sinal-nome, depoimento e/ou imagem em sigilo.

Petrolina, 07 de maio de 2025

Elizângela de Amorim Pereira Kemilly de Oliveira Barbosa  
Participante da Pesquisa Pesquisador/a

Fabiola Moura R. Santos  
Orientador/a



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III  
COLEGIADO DE JORNALISMO EM MULTIMEIOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE  
AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME, DEPOIMENTO E IMAGEM E SOM

Eu, Maria Francineide Lima de Souza,  
depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso do meu nome, depoimento e/ou som, assim como fotografias (produzidas pela pesquisadora ou por mim cedidas), **AUTORIZO**, por meio do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o/a pesquisador/a Kemilly de Oliveira Barbosa a colher meu depoimento, utilizar meu nome, imagem (produzidas pelo/a pesquisador/a ou por mim cedidas) e informações coletadas a partir das entrevistas sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

O presente consentimento refere-se, especialmente, ao uso das informações (nome, imagem, depoimentos, fotografias – produzidas pela autora ou cedidas) para fins científicos e de estudos (livros, revistas, artigos, slides e mostras), com ênfase no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do/a pesquisador/a supracitado, que tem como objetivo a produção de um Projeto Experimental, intitulado Entre espelhos e câmeras, o peso de ser fora do padrão.  
A presente autorização não permite a modificação dos conteúdos coletados, adições, ou qualquer mudança que altere o seu sentido ou que desrespeite a inviolabilidade da imagem das pessoas, conforme previsto no inciso X do Art. 5º da Constituição da República Federativa do Brasil e no art. 20 da Lei nº 10.406, de 2002 - Código Civil Brasileiro

Caso, em algum momento, durante o desenvolvimento da pesquisa, eu desista de participar do estudo, reivindico o direito de ter meu nome, sinal-nome, depoimentos e/ou imagem excluídos da pesquisa. Assim como, caso eu decida continuar participando, tenho o direito de reivindicar a qualquer momento a manutenção do nome, sinal-nome, depoimento e/ou imagem em sigilo.

Petrolina - PE, 13 de 05 de 2025.

[Assinatura]  
Participante da Pesquisa


Kemilly de Oliveira Barbosa  
Pesquisador/a

Fabíola Moura P. Santos  
Orientador/a

## DECLARAÇÃO DE REVISÃO

Eu, Duvennie Rubia Souza Pessôa, 000.309.114-78, com mestrado em Literatura e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL DECLARO, para os devidos fins, que realizei a formatação, revisão de língua portuguesa e da ABNT do TCC intitulado ENTRE ESPELHOS E CÂMERAS, O PESO DE SER FORA DO PADRÃO, de responsabilidade de Kemilly de Oliveira Barbosa.

Garanhuns, 11 de julho de 2025.

 Documento assinado digitalmente  
DUVENNIE RUBIA SOUZA PESSOA  
Data: 09/03/2025 18:02:10-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura

## ANEXO II - Tabelas

**Tabela de orçamento do documentário *Entre espelhos e câmeras, o peso de ser fora do padrão***

Categoria	Descrição	Valor (R\$)
Produção		
Cinegrafista	Câmera, tripé, microfone (uso profissional)	2.000,00
Deslocamento para as entrevistas	Transporte até locais de gravação.	120,00
Alimentação	Lanches e água durante as gravações	40,00
Imagens de apoio (arquivo)	Assinatura do Globo Play (baixar arquivos de entrevistada)	30,00
Criação de identidade visual	Arte para redes sociais e capa do documentário	50,00
TOTAL		2.240,00

**Tabela de Gastos – Correção de ABNT e Revisão de Português**

Serviço	Descrição	Valor Unitário	Quantidade	Subtotal
Revisão ortográfica e gramatical	Correção de erros de português, fluidez e coerência textual	R\$6,00	60 laudas	R\$360,00
Adequação às normas da ABNT	Formatação de acordo com a NBR 6023	R\$4,00	56 laudas	R\$240,00

Total: R\$ 600,00